



Chrys Chrystello*

A irmã de Ariel



Perguntarão alguns mais distraídos, quem é Ariel? Ariel é a personagem principal do clássico animado da Disney, “A Pequena Sereia”. Ela é uma princesa sereia, filha mais nova do Rei Tritão, que vive no reino subaquático de Atlântica. Ariel é conhecida pelo seu cabelo vermelho vibrante e pela cauda verde. Ela é descrita como aventureira, teimosa e muito curiosa sobre o mundo humano. A trama central do filme gira em torno do seu desejo de se tornar humana e de viver na terra com o Príncipe Eric, por quem se apaixona após o salvar de um naufrágio. Ela faz um acordo perigoso com a bruxa do mar,

Úrsula, trocando sua voz por pernas humanas. Ariel é a quarta princesa oficial da franquia Disney Princesas e é creditada por ter iniciado o Renascimento da Disney na animação.

Transpondo a história para os Açores, vemos membros do governo a trocarem Ariel (S Miguel) pela irmã (Ilha Terceira) numa manobra de ilhismo, pois o bairrismo é mais são do que isto. Agora, a guerra já não é sobre a quantidade de voos SATA de e para a Terceira, mas sim sobre o Hospital Central e o Hospital Universitário, que de forma alguma querem que se façam em São Miguel.

Claroque têm razão, a ilha tem a maior atividade económica do arquipélago, uma população que é quase o triplo (133 288) da vizinha Terceira (53 311), e eles têm lá, desde 2020, o Vice, Artur Lima com 11767 votos (9,47%) mas com mais força do que o PSD e sempre coadjuvado e pelo

outro Vice do PPM(0,58%), e além destes sombrios personagens que dominam a maioria parlamentar presidida por José Manuel Bolieiro temos a CCIAM (Câmara de Comércio e o inefável Marcos Couto).

Todas as semanas, estas individualidades debitam bits e bytes contra a discriminação de que dizem ser vítima, ilha Terceira, e os palcoões dos políticos micalenses, salvo raras exceções, mantêm-se em silêncio.

Radicado no arquipélago há 21 anos, tenho visto S. Miguel atrasarem nome da continuidade territorial ou de qualquer outro lugar-comum que justifique o injustificável, como se todas as ilhas pudessem ter os mesmos equipamentos, seja na saúde, no desporto, na educação. Nunca vi isso em nenhum dos arquipélagos do mundo e não o verei aqui, apesar de muitos tentarem disfarçá-losob a tripolaridade da Assembleia Regional ou da Universidade.

De facto, excetuando Jorge Rita, Presidente da Federação Agrícola (deviam chamar-lhe agropecuária) mais ninguém reclama nada para São Miguel (excetuando a recente alocação do edil de Ponta Delgada na celebração do aniversário da cidade). Assim, lentamente deixamos fugir a Ryanair e não soubemos atrair outras companhias de baixo custo, e depois da bonança turística que nasceu em 2015, virá a tempestade, hotéis e AL desertos, o povo sem casas para arrendar ou comprar, o custo de vida que subiu exponencialmente não torna a baixar, a emigração para fora do arquipélago será uma constante, e não haverá população que justifique tripolaridade nem equipamentos duplicados em várias ilhas.

Triste futuro nos aguarda e em nenhum dos principais partidos se vislumbra gente com capacidade para alterar este status quo, pois são todos formados por pessoas que cresceram nas juventudes partidárias, sem experiência de vida real ou de trabalho a sério.

Será então que os popularuchos candidatos a ditadores terão campo aberto para as suas experiências sociais. Isto porque os Açores não têm petróleo nem terras raras que despertem a cobiça do vil Trump. Apenas temos a base das Lajes pela qual os Açores nada beneficiam.

*Jornalista, Membro honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

Tobias e Sara

O casamento de Tobias e Sara revela uma dimensão profunda do matrimónio: não se trata de um mero contrato humano, mas de uma vocação divina vivida na presença de Deus. Antes de se unirem, Tobias e Sara rezam juntos. Não pedem apenas felicidade, mas que Deus os acompanhe até à velhice. «Fazei com que cheguemos juntos a uma ditosa velhice», diz Sara na noite de núpcias.

O contexto é dramático: Sara já testemunhara a morte de sete maridos na noite do casamento. O medo e a dor podiam ter-lhe dominado o coração. Porém, a fé vence. Ao invés de se abandonarem à paixão ou ao desespero, Tobias e Sara colocam Deus no centro do seu matrimónio. Como Tobias afirma: «Somos filhos dos santos patriarcas e não devemos casar como os pagãos, que não conhecem Deus».

Este exemplo mostra-nos que o amor humano encontra a sua plenitude

quando se abre à graça de Deus. O matrimónio não é apenas um sentimento ou uma atração, mas um compromisso definitivo que conduz à santidade.

Quando Deus é banido do coração e da mente, o demónio ganha poder, como diz o Arcanjo São Rafael. Porém, quando os cônjuges rezam, vivem a pureza matrimonial e colocam Deus em primeiro lugar, são protegidos e abençoados.

A “viagem para Média”, que Tobias empreende, pode ser lida como uma imagem da aventura do matrimónio: longa, exigente, cheia de perigos, mas abençoada quando vivida com fé.

O casamento cristão, como o de Tobias e Sara, não é um ideal ultrapassado, mas uma proposta viva de amor fiel, fecundo e santificante. Quando os cônjuges caminham com Deus, o amor genuíno acaba por vencer todos os obstáculos, por grandes que pareçam.